



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR – UCSAL

CURSO DE BACHAREL EM PSICOLOGIA

JENNIFER BENJAMIN LIMA ALMEIDA SILVA

**UM OLHAR FEMININO NA PERSPECTIVA BDSM: O PERCURSO DO
NORMATIVO ATÉ O COURO**

SALVADOR - BA

2024

JENNIFER BENJAMIN LIMA ALMEIDA SILVA

**UM OLHAR FEMININO NA PERSPECTIVA BDSM: O PERCURSO DO
NORMATIVO ATÉ O COURO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Católica do Salvador, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Me. Eurides Simões Soares Hide.

SALVADOR

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha resistência e a todos que tiveram fé em minha jornada, que mesmo muito custosa consegui chegar até o fim. Agradeço imensamente a Luiz Fernando Servilho por toda disponibilidade e orientação ao me ouvir chorar a respeito, a Ícaro Evandro Pinheiro, pela disposição em me ajudar com além de apoio, mas a correção da presente pesquisa.

Destino meus agradecimentos também a minha família escolhida: Daniel Neves, Everton Fernando Carvalho, Hebert Costa, Reneé Macário e Sara Paixão pelo acalento, por me ouvirem e me fornecerem colo quando eu precisei, principalmente em todos os momentos que houve mais razões para desistir do que continuar, vocês me deram forças para me estruturar.

Também agradeço à minha orientadora professora Eurides S. S. Hide, pelo suporte, orientação e paciência, direciono igualmente gratidão ao professor João Marcos de Oliveira, por me ajudar com a organização da pesquisa desde TCC I.

A todos dedico este texto de minha autoria “*anestesia para o meu legado*” que expressa a minha jornada:

“Um peso invisível se alastrou por mim, encheu meus sentidos e se concretizou pelas minhas digitais, parte de mim se desmontou em cubos de frustração reprimida. Dei além de fé ao meu ser do futuro, mas quem é ele adiante a mim? Andei trajetórias inimagináveis antes mesmo de me levantar, de tomar meu lugar para mim, eu fui descuidado em minha jornada acreditando e confiando em minhas próprias forças, eu fui e sou mais do que capaz, eu sempre soube, porém o dia não me deu esperanças. Transições de amanhecer para o anoitecer e cada vez mais me sufocou, estive em silêncio, o peso continua crescendo em meu peito e eu não tenho mais casca, meus pulmões rasgaram como papiros, levou tudo de mim para recolher cada lágrima e seguir em frente. Quem é aquele que eu ainda vejo diante de mim? Eu não me movi, o medo se espalhou pelas minhas veias e o grito de socorro não foi ouvido, mais uma partida de joelhos ralados, eu disse que teria fé mais um dia, mas o amanhã não me trouxe nada além de um fervor na barriga. Me colocaram em um palco vestindo meus próprios erros, o pavor de uma vida sem futuro me abraçou novamente, o choro foi vazio e gasto como lama seca, traçando meu rosto como mapas para lugar nenhum. Quantas vezes eu silencieei minhas emoções para depois? apenas numa decisão falha de me concentrar em meus ideais, eu perdi em minhas falhas, eu falhei em me doar, porém nada foi mais sufocador do que o término, nada me deixou mais desnorteado do que um pedaço de mim descrito em notas para uma multidão. Eu vi partes de mim sendo analisadas para os não ouvintes, todas as minhas características caídas em um banco de praça para qualquer um ver, quem sabe que eu estive aqui? Quem sabe o quanto andei?

O trem não passou e me deixou com o bilhete na mão, a espera de um novo começo, mas eu ainda temo, tenho medos e descrença a respeito de mim mesmo, anestesiiei minha identidade, minhas razões e deixei todo aquele peso me derrubar mais uma vez, segurei em corrimões e cambaleei ao fim desse começo. O meu pesar se tornou cimento em minhas entranhas, este talhe desgastado com o amargor da paralisia, procuro minha face em novas descobertas, quem é esse em frente a mim nesse espelho descoberto? Cansaço e desânimo agora que tudo se foi, eu nem sei se ganhei, mas a dor não foi embora, não fui parte de mim até que fui e acabou.”

JB Lima

RESUMO

O prazer, constantemente, não se sustenta ao se adequar a padrões. Sempre irá haver uma excentricidade no processamento desse desejo, sendo eles por uma ideia de pertencimento ou até mesmo curiosidade a respeito do que seria fora do comum, uma experiência que muitas vezes se torna mais atrativa. Na condição da libido não ser atendida, ela se expurga de outras formas, e o que é chamado de excêntrico é apenas uma forma de dar forma a essa libido, esse prazer. Pautada nisso, essa pesquisa buscou compreender como os indivíduos vivenciam suas experiências por trás da comunidade BDSM (bondage, discipline, domination, sadism, submission, masochism). Para isso, foi utilizada como metodologia o estudo de caso com praticantes dessa comunidade, para alcançar os participantes foi utilizado o método bola de neve, após a identificação dos praticantes seguiu inicialmente na pesquisa questionário sociodemográfico para em seguida a realização de uma entrevista semiestruturada, a análise dos dados foi repartida em categorias em prol da facilitação dos resultados. Concluindo que há uma carência de estudos a respeito da temática e é de extrema relevância que esse grupo de pessoas tenham mais possibilidades de participarem de estudos que sejam destinados a compreender suas vivências.

Palavras-chave: sexualidade; BDSM; prazer; saúde mental; libido; dinâmica de poder

ABSTRACT

The pleasure constantly does not support suitable techniques. There is an exception of the desire, this being an exception of the desire, being the one of the ideas of belonging or even curiosity regarding what would be out of the common, an experience that is often proof of being more attractive. If that libido is not sacred, it will be purple in other ways, and which is called eccentric is only a way to form this libido, this pleasure. Based on this, this research sought to understand how individuals live their experiences in the BDSM community (bondage, discipline, domination, sadism, submission, masochism). For this, it was used as a methodology, the case study with practitioners of this community, to reach the participants was used the snowball sampling method, after the identification of practitioners followed initially in the survey sociodemographic questionnaire to then conduct semi-structured interviews, the data analysis was divided into categories for the facilitation of the results. Concluding that there is a lack of studies regarding the theme and is extremely relevant that this group of people have more possibilities to participate in studies that are intended to understand their experiences.

Keywords: sexuality; BDSM; Pleasure; Mental health; Libido; Dynamics of power

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1. JUSTIFICATIVA	9
2. PODER, SABER E SEXUALIDADE: O BDSM EM PERSPECTIVA	10
3. MÉTODO	16
3.1 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	19
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
4.1 AUTOENTENDIMENTO	20
4.2 PODER PARA SI MESMO	21
4.3 IDENTIFICAÇÃO E PERTENCIMENTO	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
Apêndice C - Formulário de Dados Sociodemográficos	30
Apêndice D - Roteiro de entrevista Semiestruturada	31
Apêndice E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento	31
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	31
Apêndice F - Termo de Confidencialidade	34
Apêndice G - Termo de Atendimento	35

1. INTRODUÇÃO

Existe uma perspectiva homogênea e heteronormativa, promovida pelos chamados *baunilhas* - não praticantes da comunidade - a respeito do BDSM. O conceito é que o êxtase da sexualidade apenas se constrói a base do sexo, focado apenas em reações corporais genitais, e idealmente, o sexo definido apenas como penetração. Apesar de que a realização de fetiche seja malquista, a sociedade selecionou o que seria definido como mais aceitável dentro de uma relação sexual e se adaptaram como ideais de prazer regular, algo descrito como “apimentar a relação”, além de serem comercializados como parte de um todo, o que seria estipulado como recursos para complementação de uma interação sexual, como algemas, chicotes, cordas. Embora tenham sido originados como instrumento de uso para obtenção de prazer pela comunidade (ZILLI, 2007).

O BDSM é um termo cuja aparição se deu em anúncios pessoais de revistas no início da década de 1970, e se tornou objeto de discussões entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990 em grupos de internet, tendo como principal o soc.subculture.bondage-bdsm. A sigla BDSM – variante da língua inglesa – pode ser traduzida como: (BD) *Bondage* (sendo definido como restrição física, usando cordas, algemas, slings, ou não física, por ordem estabelecida); Disciplina Dominação e Submissão (DS); Sadismo e Masoquismo (SM) (Freitas, 2011). Mais do que os estímulos físicos, as relações referidas incluem situações de dominação e submissão em contextos consensuais, praticadas por adultos e regidas por um conjunto de regras relacionadas à sanidade, segurança e consensualidade, referidas pelo acrônimo “SSC” (São, Seguro, Consensual) (FACCHINI, 2013).

O vocábulo, usado para descrever tipos de práticas e relações que fugiam do comum e beiravam o exótico, foi usado oficialmente no início dos anos 2000 para englobar toda a comunidade, que descrevia as práticas como atividades que giravam em torno de troca de poder, prazer, conexão e expressão corporal, do seu interior e sexualidade (TAORMINO, 2012).

O BDSM vai além das práticas sexuais; ele se inicia com planejamento, com um reforço de conforto e limites pré-estabelecidos antes de qualquer tipo de relação (tópico que será abordado com maior detalhe na análise dos dados). Ademais, é dividido em categorias, baseadas em identificação e preferências, sendo ainda uma prática ampliada, onde o prazer é subjetivo e priorizado; entretanto, não necessariamente concentrado em órgãos genitais para seu alcance, mas sim, em diversos estímulos - por vezes, mais de um.

As práticas BDSM necessitam de um preparo psicológico e emocional, como também comunicação e predisposição. Bruno Zilli (2007) ressalta que há uma valorização da subjetividade do outro quanto a sua preferência, sendo importante ainda a imposição e priorização das próprias limitações, em qualquer âmbito da dinâmica; e quando isso não acontece, ocorre uma certa repreensão. Para os participantes, é entendido que todo processo de entrada e permanência parte do desenvolvimento de seu autoconhecimento, tanto para entender o que o satisfaz e o que pode causar aversão, compreendendo e respeitando seus próprios limites.

Equitativamente, com concepções semelhantes, Henry Miller (1940) aborda a sexualidade como um instrumento de autoconhecimento, quando se entende como defrontá-la. A sexualidade se estende além do prazer genital, ela transpassa a identidade, conectando-se a pensamentos, necessidades, desejos, impulsos. Assim, o que diferencia a atração dita carnal - entre corpos - da que irrompe os estímulos genitais e se compreende numa experiência manifestada por todo o indivíduo? Miller ressalta que a repressão desse impulso é desastrosa por si só, pois para se libertar dele é preciso desejá-lo. Para o autor, a realização deve ser sutil, entendendo-se e estabelecendo seus prazeres e limites, pois o papel que o sexo tem vai além do desejo natural, é um papel inclinado a variações que dependem do indivíduo. Todo sujeito deseja, mas a percepção desse desejo ora inconsciente pode afetá-lo de alguma forma e, devido a isso, entende-se que, para ter um meio de enfrentá-lo é necessário tomar consciência de sua existência, da satisfação dessa atração, o que pode, gradativamente, trazer uma sensação positiva ao indivíduo, incluindo um sentimento de pertencimento.

Tendo em vista a construção desses pontos a respeito da sexualidade humana e sua forma de se expressar, esta pesquisa buscou compreender as motivações individuais por trás da vivência na comunidade BDSM e os enquanto aos específicos, relacionar a influência que a comunidade tem em suas relações interpessoais, quando fora do meio. Para tal, encontramos uma comunidade de praticantes que se organizam em espaços de socialização próprios, cujas normas sociais, regras de conduta, dinâmicas de poder travadas, rituais e elementos simbólicos observados podem ser tomados como aspectos organizacionais que se encontram articulados à vivência da sexualidade, característicos de uma organização erógena.

Ainda assim, o BDSM, enquanto um estilo de vida, e seus adeptos, não deixam de ser alvo de críticas, preconceitos e estigmas por parte da sociedade, apesar da grande atenção voltada para a temática. Por isso, o debate acerca da sexualidade se encontra longe de ser esgotado; uma vez que se encontra resistência ao falar sobre ela, de forma aberta e não estereotipada, seja dentro ou fora da academia; e que é necessário que o façamos. Na condição

de pessoa não-binária e bissexual, especialmente, acredito que esta problematização não seja somente necessária para dissipar preconceitos e evitar estigmas, mas também para que seja possível a manifestação da diversidade humana na sua condição mais vivaz. Já que a sexualidade se encontra no âmago da existência humana, a possibilidade do exercício de uma vida plena a coloca no centro das discussões em todos os cantos, tornando-a política.

Diante do exposto, entende-se a necessidade de estudos voltados à esta temática, visto que há certa deficiência de pesquisas a respeito de uma comunidade deveras estigmatizada, que possui poucos estudos nacionais voltados ao indivíduo interessado em suas práticas sem que este interesse seja patologizado, bem como carece de materiais acadêmicos para estudo a respeito de relações excêntricas. Portanto, o presente trabalho buscou responder a questão norteadora: “Como os praticantes do BDSM vivenciam suas experiências e de que forma isso influencia para a permanência na comunidade?”

1.1. JUSTIFICATIVA

Entende-se que os praticantes usam seus próprios corpos para expor suas vontades e propósitos. O corpo se revela pela linguagem, que muitas vezes expressa sua realidade tanto em seu interior quanto no exterior. Já o modo como o corpo se manifesta depende de como o indivíduo se põe a respeito da sua realidade, seus valores e suas sexualidades. Um sujeito que reprime seus sentimentos e desejos comunicará a ausência dessa satisfação por outro meio, sendo as expressões de seu corpo, como ele se comporta para o mundo (SOARES, 2006). Se o interior e o exterior estão em desacordo, será expurgado de alguma forma, mesmo que o indivíduo não compreenda como.

A sexualidade é uma maneira de expressão do desejo e atração do próprio indivíduo, sobretudo, é ainda uma construção social, embasada em culturas, como ainda em construções morais e religiosas. As sensações e prazeres físicos também estão diretamente vinculados à extensão moral e social, com o que é construído para ser certo e o que é definido como antinatural, estipulado pelo padrão normativo (HEILBORN, 2002). Percebe-se, ademais, que a sexualidade é fluida e baseia-se em padrões normativos implementados pelo social, porém, independe daquilo dito como correto ou imoral. A civilização construiu um modelo a ser alcançado não apenas de desejo, bem como de condicionamento do afeto, idealizando sentidos relacionados à excitação, estruturando-se uma forma de regulação social, como traz Foucault (1984) em “História da Sexualidade”

Da mesma forma, Foucault (1984) ressalta que essa restrição se modela por meio de uma norma implícita em ser socialmente aceito, o que ocorre suprimindo condutas sexuais para ser integrado ao social e a seus valores morais, regra esta que se delimita dependendo de sua cultura, baseando-se em uma implicação de modo e lugar destinado aos atos de prazer, além do querer. Por conseguinte, Foucault em seus escritos apresenta as formas de subjetivação nas práticas de si, as relações de poder-resistência e os regimes de saber, ao mesmo tempo em que em alguns elementos analíticos da abordagem foucaultiana de análise do discurso abordam que existe uma repressão social, e ela se estende a uma autorregulação constante para encaixar em uma padronização.

As práticas não precisam ser totalmente sexuais, sendo sujeitas também a jogos de poder e concessão da responsabilidade pelo seu próprio êxtase. Este último sempre cativou minha atenção, encaminhando curiosidade à prática; como neurodivergente, o conforto do planejamento, bem como a compreensão através de descrições detalhadas e do conceito de um conjunto de estímulos que constrói o prazer, também fizeram parte da motivação. Não obstante, uma vez inserido no espectro da assexualidade, o desvinculo do prazer com o sexo dito normativo foi um fator pertinente, que me fez considerar quantas pessoas, assim como eu, teriam suas próprias instigações ao participarem da comunidade. Essa cadeia de pensamentos trouxe meu interesse à pesquisa e, principalmente, à comunidade. Faz-se ciência de que a percepção de um conjunto de fatores sexuais e não sexuais atraem as pessoas a se juntarem a uma comunidade na qual se identifiquem e possam partilhar vivências, estando libertas de serem vistas com estigma e com conceitos pré-estabelecidos e edificados sobre uma desinformação estrutural, reafirmada por um meio sicionormativo.

A execução dos interesses da comunidade é muito ampla, dando oportunidade para que cada um sintase livre para exercer qualquer prática que seja adequada aos seus desejos. Cada pessoa desempenha sua subjetividade consciente de que há pessoas no meio que também se expressam da mesma forma, ainda que com intensidades diferentes, conquanto seja viável que haja esse sentimento mútuo de pertencimento e identificação, uma vez que ele faz os participantes permanecerem na prática, contrastando como eles são vistos pelos ideais sociais e normativos. Dito isto, para mim, é de interesse a compreensão dos motivos e das vivências em particular que fizeram os indivíduos não só buscarem, mas permanecerem em uma comunidade tão singular e distante dos valores sexuais padronizados socialmente.

2. PODER, SABER E SEXUALIDADE: O BDSM EM PERSPECTIVA

A historicidade da comunidade BDSM se derivou de clubes de motociclistas gays, no período pós-segunda guerra, e se estendeu a bares gays ou clubes de sexo, nos quais seus frequentadores se encontravam para ter experiências exóticas. Esses locais foram denominados de clubes de couro, título que servia ao propósito de encobrir do que se tratava os encontros, sendo referido por tal até meados dos anos 1950, mas ainda reconhecido dessa forma atualmente (TAORMINO, 2012). Entretanto, ainda que o movimento registrasse crescimento na defesa da liberdade e escolhas sexuais, este sofreu oposições, a mencionar a opressão de agentes policiais, que vinculavam os praticantes à criminosos por aderirem a estética de motoqueiros, e os assediavam por tal motivo. Outra vanguarda que entrou em conflito foi o movimento feminista radical, no final da década de 1970, que se opôs aos ideais desses clubes, uma vez que se posicionavam contra a pornografia e práticas sadomasoquistas. Esse embate ideológico foi denominado “guerra dos sexos”, tendo como a principal linha de argumento do movimento feminista a crença de que o sadomasoquismo reforçava o estigma de mulheres em papéis subservientes (NUNES; PEREIRA, 2017).

O termo sadomasoquismo, direcionado às pessoas envolvidas a prática na comunidade, cunha-se de pesquisas fomentadas por Richard von Krafft-Ebing, psiquiatra que descreve o envolvimento sexual baseando o prazer nos ideais da medicina, usando também parâmetros de normatividade sexual e tendo por referência obras de Foucault sobre a história da sexualidade. O acrônimo S/M, de uso ainda atual, têm como origem os termos utilizados para descrever a conjunção dos limiares de dores com o prazer, compreendendo o erotismo fora de um padrão cultural, mas tendo enfoque em indivíduos atormentados por desejos singulares que eram mal-vistos socialmente (COSTA, 2009).

De acordo com Taormino (2012), o BDSM expressa relações de dominância/submissão, sadismo/masoquismo, as quais compõem outras práticas, como as restrições, que originam o termo “*bondage*”, este que dá início à sigla, seguido pelos demais: submissão/sadismo, dominação/disciplina, masoquismo. De acordo com Cramer (2013), a comunidade possui algumas siglas que definem as dinâmicas consensuais e saudáveis, tendo como o principal e mais importante dos princípios a S.S.C., levando em conta que as performances demandam confiança, estar em si para consentir e a segurança dos envolvidos seja preservada.

Dentro desse princípio, as dinâmicas de consentimento e segurança visam proteger dois aspectos fundamentais para os indivíduos participantes: a integridade física e psicológica. A integridade psicológica é preservada em ocasiões em que as práticas consistem em relações consensuais e de simetria de poder entre os envolvidos (KENNEDY, 2001). A integridade física, no entanto, passa por uma relativização de sua ocorrência, na medida em que certas práticas podem produzir danos parciais à pele. Estes riscos são de conhecimento e consentimento prévio entre as partes envolvidas. Defende-se ainda que a prática é segura por garantir medidas de biossegurança e treinamento em primeiros socorros (ABREU, 2017).

Todavia, existem outras siglas que abarcam e asseguram partes da comunidade que não se encaixam na definição tradicional de segurança e integridades supracitadas (RÍOS; AMUNDARAY; ARENAS, 2019). a R.A.C.K - “Risk-Aware Consensual Kink”, traduzido para algo semelhante a “Perversão Consensual de Risco Conhecido”. Essa adição influenciou na inserção de uma outra sigla, buscando incluir praticantes que tinham seus interesses voltados à ausência de responsabilidade pessoal, além do risco em si: “Personal Responsibility Informed Consensual Kink” - em outras palavras “Perversão Consensual com Responsabilidade Pessoal Informada”, ou P.R.I.C.K.

Todas as práticas são realizadas à base do consentimento, entretanto, há alguns kinks que oferecem riscos à integridade física e psicológica dos praticantes, e outros onde a pessoa decide, de forma espontânea, abdicar das responsabilidades sobre seu próprio corpo, as atribuindo à parte dominante dentro da relação (TAORMINO, 2012). Ao se referir a fetiches específicos da comunidade, usa-se o termo *kink*, que engloba as formas de interesse dentro do sadomasoquismo, nas relações de dominação e submissão, jogos sexuais - os quais são chamados de *play*, práticas excêntricas e expressões eróticas individuais, denominados de cena ou sessão - período destinado às dinâmicas de poder, podendo conter, ou não, jogos sexuais. São também chamados de “torções” o interesse em dinâmicas de relações (TAORMINO, 2012).

O interesse pode surgir como uma curiosidade sobre experiências específicas de práticas da comunidade, muitas que são adaptadas para uma vida com práticas sexuais tradicionais. Essas dinâmicas são nomeadas pela comunidade como “baunilha”, referência a um sabor mais neutro, como exemplo o bondage, que seria mais bem descrito como um conjunto de restrições físicas ou psicológicas, níveis mais baixos de dor, utilizando instrumentos de nível leve como o chicote (CRAMER, 2013). Percebe-se que esses instrumentos e possíveis jogos são os mais socialmente aceitos e incrementados como adicional de uma vida sexual mais completa.

A ingressão na comunidade BDSM, principalmente aos jogos e cenas, inicia-se com estudos sobre a base de cada dinâmica de relação. Caso o interessado se identifique com os aspectos da prática da dominação, seus roteiros de estudo vão se basear no bem-estar do submisso e nos jogos sexuais que constituem a comunidade. É crucial que a pessoa envolvida tenha certeza se aquela prática a agrada, a fim de saber como realizá-la da devida forma, evitando erros na execução. Por outro lado, se o praticante tem entusiasmo pela submissão, os estudos são modulados pelo interesse das práticas e a intensidade em que elas podem ser prazerosas (TAORMINO, 2012).

As sessões¹ são compostas por *plays* que interessem ambas as partes, uma vez que todas as práticas consideradas são dialogadas previamente e os limites são impostos em conversas que antecedem as cenas. Tanto para a dominação quanto à submissão, os interessados são direcionados a um treinamento, que consiste em um período, não padronizado, onde o participante irá instruir-se das práticas do interesse do mesmo e de seu parceiro, caso haja algum. O treinamento tem a função de construir uma confiança e determinar o tipo de relação entre as partes envolvidas, bem como elucidar como cada prática vai ser elaborada (CRAMER, 2013)

A dominação precisa ser planejada, tendo a compreensão, para além dos limites da dor, de que toda dinâmica precisa ser fundamentada no diálogo e consenso quando feita com parceiros casuais, assim como toda sessão realizada com parceiros fixos deve valorizar o fácil diálogo e a atenção aos limites rígidos de cada um (EASTON; HARDY 2001) De modo igual, a submissão também precisa ser treinada para atingir performances, entender em que papel da submissão o indivíduo pertence, além de compreender seus próprios termos ao que se refere à prática (EASTON; HARDY, 2001). Dentro da dinâmica D/s, residem singularidades no que se trata dos fetiches, como a dor, humilhação, degradação e jogos com prazer.

Para melhor compreensão dessas ações, são disponibilizados livros para estudo, tanto destinado a dominação quanto a submissão, além dos instrumentos e jogos, para que, além das dinâmicas, se entenda os riscos; ademais, é indicado a procura de assistência de um membro veterano, que pode ceder uma parte do seu tempo e conhecimento para treinar o praticante iniciante. É importante ressaltar que as práticas, plays e jogos dentro da comunidade só são aprovadas para adultos, ou seja, maiores de 18 anos, para que haja uma garantia de consentimentos e limites sendo respeitados (TAORMINO, 2012).

¹ Sessões ou cenas são períodos destinados à realização de jogos ou plays, privados ou não.

A dinâmica de poder que é proposta pelo BDSM, também é entendida pela teoria psicosssexual de Freud, onde ele menciona que a libido, a qual é responsável pela tensão sexual e sua atuação no indivíduo em âmbitos de desejo, seria a principal causa da angústia relacionada ao amor e luxúria, pois essa excitação derivaria a uma frustração a quem não há possibilidade de interação sexual, porém ajusta-se na mesma intensidade a quem não tem vontades dessas interações, é descrito que quando essa libido está em descontrole não se enxerga o que é bom para si e nem para o outro, apenas cede com a promoção dessa luxúria (KENNEDY, 2001).

Parafilias são descritas dessa forma, onde o sujeito sente uma atração - nesse caso, um fetiche, direcionado a algo que não é socialmente padronizado, fora do contexto de estímulo genitais, mas também que cause algum nível de sofrimento a si ou ao outro em busca desse prazer. Freud descreve-as como um mecanismo de defesa para situações não resolvidas na infância, como também refere à presença de medos e ansiedades que são pivô para o aparecimento/desenvolvimento de comportamentos sexuais atípicos (YASUHARA, 2013).

As parafilias se caracterizam por fantasias, desejos sexuais por objetos, atividades ou situações atípicas (APA, 2013), Segundo Kafka (2010), elas se repetem com um padrão e interferem na vida social, profissional, incluindo a si mesmo. Já Freud (2006, p. 15) categoriza como comportamentos sexuais disfuncionais, que podem ser originadas por pulsões sexuais reprimidas, quando suprimidas elas extravasam de outras formas, encontram outros caminhos para serem saciadas (KENNEDY, 2001).

A teoria da sexualidade envolve a ideia de que a libido, quando não trabalhada corretamente, ou seja, sendo reprimida ou liberta de maneira descuidada, pode desenvolver um sentimento de angústia. A libido, na vertente da sexualidade, tem a função de indicar onde está direcionada essa atração sexual, podendo tal sofrimento ser derivado de uma vontade de expurgar a luxúria, ou na intenção de não ter nenhum interesse nesse desejo. Em ambos os casos, seria responsável por um sofrimento psíquico (KENNEDY, 2001). Entende-se também que esses impulsos sexuais resultam em uma insensibilidade, onde se perde o anseio de fazer o melhor por si, a visão do que seria bom para si e para o outro, muito semelhante à descrição do que seria identificado como parafilia.

Entendem-se como preferências sexuais parte dos comportamentos que agradam os indivíduos. Para Taormino (2012), a aceitação dos próprios fetiches, o interesse sexual nas práticas é subjetivo e é referentes aos gostos e predileções como outras formas de obter prazer normativas, descreve como da mesma forma que há variações em interações sexuais normativas, as dinâmicas de relações dentro do BDSM, são diversificados e atendem o gosto de cada um, e compartilhando com quem tem o mesmo interesse.

As práticas da comunidade utilizam de meios psicológicos para garantir certos efeitos, como por exemplo o uso da expectativa e ansiedade para causar o efeito de antecipação no submisso, ou a dor consensual manuseada como uma alavanca para o prazer. Taormino (2012) afirma que, dentro do BDSM, a dor é catalogada de maneira positiva e negativa. A “dor boa” se faz presente quando há uma expectativa por ela, onde esta sensação é ansiada e aproveitada. Também existe a “dor erótica”, onde qualquer estímulo que cause dor é convertido a prazer sexual. As dores boas e eróticas compõem cenas de treinamento, *plays* e punições, e geralmente podem ser expurgadas por meio da catarse, que ocorre quando o submisso consegue libertar sentimentos ou estresse durante uma sessão - de forma intencional ou não. Nem todo submisso consegue alcançar a catarse, levando em consideração que é um estado de completa confiança e entrega de responsabilidade (CRAMER, 2013).

A “dor ruim” se dá em sua aplicação forçada, para além dos limites acertados. A exemplo, pode-se supor uma situação em que um submisso, que tem limites rígidos em *impact play*, recebe de seu parceiro artifícios de golpes físicos como punição ou jogo (CRAMER, 2013). A dor para alguns não praticantes pode ser vista como desagradável, entretanto, em um contexto sexual, para BDSMer, é acompanhada por uma carga química de neurotransmissores que resulta em excitação, levando a uma tolerância à dor muito maior (TAORMINO, 2012). A expressão que melhor descreveria esse tipo de prática/comportamento é a algolagnia, onde a dor é convertida em prazer sexual, causando um tipo de relaxamento.

Dentro da comunidade BDSM, a dor é encarada como componente de um ciclo. Nenhuma dor é contínua, ela inicia com propósito e se encerra com uma finalidade. O desenvolvimento dessa experiência, envolvendo essas nuances de dor, gera uma resposta, ou ainda uma reação procurada para lidar com outros aspectos fora da vida sexual - a catarse, como é conhecido dentro do grupo praticante. A catarse envolve uma situação de expurgação de emoções e estresse, intencional ou não, dentro de uma cena, geralmente estimulada pelos membros e com mais chances de acontecer dentro de sessões de *impact plays*², apesar de também podem ser alcançados em *plays* com maior estímulo emocional (CRAMER, 2013)

A partir da perspectiva de utilização da dor como maneira de extravasar e dar lugar ao prazer ligado ao erotismo, pode-se compreendê-la como um meio de lidar com o externo, uma estratégia, usada pelo sujeito para lidar com certas demandas, reduzindo seu estresse e focando em um componente diferente, sendo esse a dor ou o prazer, não direcionado a resolução da

² Impact play: toda prática envolvida com instrumentos de açoites, golpes físicos leves, moderados ou intensos em qualquer área do corpo, conhecido também por spanking.

situação estressante. A intenção é obter um retorno que não seja a resposta ao *stress*, mas sim ao deleite das práticas; uma maneira de se adaptar a determinado modelo de vida, não apenas com a dor, mas com dinâmicas e ajustes sociais nos quais o participante se enxerga, ou entende-se como pertencente. Não há uma relação direta de vínculo entre uma dinâmica e outra, ou seja, nem todo submisso é, necessariamente, masoquista, assim como nem todo sádico é dominador.

3. MÉTODO

Para elaborar a pesquisa, foi utilizado um modelo de estudo de caso, com métodos qualitativos. Robert Yin (1984) reforça que a leitura adequada de um estudo de caso, quando bem interpretado em seus pontos fortes e fracos, se torna uma ferramenta de pesquisa bem fundamentada. Esse método se progride por meio da definição do problema, seguido pelo delineamento da pesquisa, coleta e análise de dados, a composição e por fim a apresentação dos resultados. Yin (1983) conduz que esse tipo de pesquisa contribui para o entendimento de um fenômeno.

Em referência a pesquisa quantitativa, Yin (2010) também descreve que esse tipo de pesquisa tem uma abertura para se aprofundar em uma variedade de conteúdos, além da própria liberdade na escolha do problema estudado, levando em consideração os outros métodos de pesquisa, sendo tão produtivo quanto os outros. Entretanto, há uma acuidade no modo de pesquisa, já que o método qualitativo estuda o significado da vida das pessoas no contexto em que elas vivem.

Elaborou-se um questionário online (APÊNDICE A) na plataforma *Google Forms*, compartilhado nas redes sociais através de convite e usando a técnica de abordagem bola de neve, devido a baixa visibilidade de seus membros, por diversos motivos, sendo alguns deles associados a comportamento ilegal ou socialmente estigmatizado. Essas populações são normalmente denominadas escondidas, e não possuem um sistema de referências do qual se possa retirar uma amostra probabilística.

A amostragem em bola de neve utiliza-se das ligações entre os membros da população para conseguir, partindo de alguns indivíduos membros da população, obter uma amostra dela. O método funciona a partir da indicação por parte de algum indivíduo da população a outros que também fazem parte, e assim sucessivamente, caracterizando-se num formato semelhante ao de uma bola de neve que vai acumulando os flocos de neve ao rolar, se tornando cada vez maior

Para o público-alvo, foram utilizados os critérios de inclusão: a) Possuir idade maior ou igual a 20 anos; b) Ser brasileiro(a); e c) ser praticante a mais de um ano do BDSM. A entrevista semiestruturada foi composta por cinco seções: 1ª Seção: Título da pesquisa e requisitos para participação; 2ª Seção: Objetivo da pesquisa e autorização do uso de dados; 3ª Seção: Dados sociodemográficos; 4ª Seção: Informações sobre papel exercido na prática BDSM participantes; 5ª Seção: Opinião sobre as atribuições na prática.

Foi oferecida a opção de os participantes escolherem seus pseudônimos, dito isso, as participantes Mel, Srta. Moon e Mia Feyre tiveram a autonomia de escolherem como seriam referidas. Todas atendiam aos critérios estabelecidos para a participação, tendo uma variação de idade de 25 a 45 anos, com mais de 1 ano de experiência no meio BDSM. São brasileiras e residem no Brasil, respectivamente em Minas Gerais, Pernambuco e Brasília.

Foi obtido pelo questionário sociodemográfico os dados informativos a respeito das participantes, todas mulheres cisgênero, na devida ordem brancas e parda, solteiras e uma divorciada, uma panssexual e as outras duas heterossexuais, as duas últimas com o ensino superior completo, e com uma renda mensal entre R\$1.640,00 a R\$20.000,00. Enquanto a primeira tem o ensino superior incompleto. Exercem a profissão de supervisora administrativa, designer e psicóloga clínica. Dentro da perspectiva da comunidade, duas delas se declaram *switch*, enquanto a outra se identifica como *bottom*, ativas na comunidade após pelo menos dois anos de estudo. Entretanto, apenas duas delas deram retorno para seguir com a segunda etapa da pesquisa, sendo a entrevista semiestruturada.

Posteriormente, foi realizada a entrevista semiestruturada, na intenção de que os participantes pudessem descrever as partes mais importantes dessa trajetória, levando em consideração o que é julgado pelo contexto inserido e como elas se sentiram desde o momento de descoberta até os dias atuais. A escolha dessa forma de entrevista se deu pela liberdade que os participantes teriam ao elaborar suas respostas sem uma limitação. Para Benjamin (1936) a narrativa depende dos fatos que podem ser evocados pelo narrador, como ele interpreta os acontecimentos dependendo da sua subjetividade e, portanto, independem de linearidade.

Foram tratados temas referentes ao descobrimento da comunidade e ao entendimento do desejo em ingressar, como ainda os métodos de estudos utilizados, a exemplo das questões: “Você pode contar como foi o processo de conhecimento da comunidade?”, “Você percebeu alguma mudança na sua autopercepção/autoestima depois de entrar na comunidade?” “Fora do âmbito da comunidade, você percebe uma mudança de tratamento em comparativo a quem é do mesmo meio?” (conforme APÊNDICE C). O intuito foi delinear um percurso, desde o conhecimento do desejo até a identificação dentro da própria comunidade, como ainda a

compreensão dos limites rígidos, e as possíveis mudanças que o BDSM trouxe para o indivíduo, tendo como base a definição de autoconhecimento fornecida pela Organização Mundial de Saúde, sendo ela um entendimento sobre si mesmo, capaz de se reconhecer considerando caráter e suas próprias características (OMS, 1997). Foi utilizado um limite por data para a coleta das respostas, ficando disponível durante 15 dias.

As entrevistas foram gravadas e transcritas com a permissão dos participantes. Em todas as etapas, foi possível a abertura do sujeito entrevistado para que elaborasse melhor suas respostas baseando-se em sua vivência, sem exigências de cronologia dos acontecimentos, tendo a liberdade para inserir informações lembradas posteriormente. As perguntas foram norteadoras para guiar os participantes na temática abordada, ou seja, foram semiestruturadas (MANZINI, 1990/1991).

O participante teve conhecimento sobre a temática e o objetivo da pesquisa, assim como também foi informado sobre seus direitos e riscos como sigilo de sua identidade e o direito de abandonar a participação da pesquisa a qualquer momento, além da possibilidade de vazamentos de dados por meio das redes de contato. Estes fatores foram reforçados no início da entrevista, sendo esta prosseguida apenas após a confirmação e consentimento dos participantes.

As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente, enquanto as informações permanecerão em sigilo, visto que foi utilizado o gravador do celular pessoal do pesquisador, o qual apenas ele tem acesso. O anonimato da identidade e sigilo das falas são garantidos. Ademais, os dados dessa pesquisa serão destruídos cinco anos após a finalização do estudo, em conformidade com a orientação do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012, 2016).

O processo de análise de dados seguiu a análise de conteúdo embasada em Bardin (1977), decorrendo numa “leitura flutuante”, vendo o material de pesquisa como um todo. A partir disso, iniciou-se às hipóteses baseadas nos objetivos e na coleta, e logo após, a exploração desse conteúdo para categorizar os dados, na intenção de compreender os registros. Para finalizar a última etapa, foi realizada uma investigação dos significados dos dados obtidos, com o propósito de captar e analisar como um todo o fenômeno pesquisado e a ligação de recorrência (SOUZA; SANTOS 2020).

A análise foi dividida em três categorias, sendo elas: a) autoentendimento, b) poder para si mesmo, c) identificação e pertencimento, definidas dessa forma por razões de uma adequação com as perguntas realizadas e os dados obtidos. A primeira categoria se define pela jornada de descobrimento da prática BDSM e o que levou ao entendimento dos próprios sentimentos e desejos em relação a realização, o entendimento dos fetiches até onde se identifica com o *kink*,

e a autodescoberta levando em consideração a percepção de um interesse fora do que é dito normativo e ideal.

Já na segunda categoria, foi selecionada por meio do processo de estudos das práticas, segurança e limites no contexto do BDSM, a construção desse aprendizado de utilizar um sistema de segurança entre os interessados, palavras de seguranças e a verbalizar seus próprios limites, e como isso interfere diretamente nas relações fora do meio e na imagem de si mesmo, da mesma forma que traz um empoderamento direto ao indivíduo praticante, entender seus limites e a importância de verbalizá-los para se sentir seguro, assim como esse empoderamento interliga-se com a autoestima.

Por conseguinte, na terceira e última categoria foi pensado na identificação das participantes dentro da comunidade BDSM, como se sentiram acolhidas pelos membros que interagiram, comparando com o comportamento de pessoas de fora do meio e como idealizam e verbalizam a respeito das práticas e praticantes, dessa forma a identificação e acolhimento leva ao pertencimento, que é um dos fatores que levam essas pessoas permanecerem dentro da comunidade, pois além de se sentirem respeitadas, sentem-se valorizadas e parte do mesmo movimento.

3.1 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O projeto foi submetido ao sistema CEP/CONEP através da Plataforma Brasil, obedecendo todas as diretrizes e normas apresentadas pelas resoluções nºs 466/12 e 510/16, e aprovado sob o número CAAE: 79101724.5.0000.5628 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), também para a realização da segunda etapa por meio virtual, a atual pesquisa atende as orientações do Ofício Circular Nº 23/2022/CONEP/SECNS/DGIP/SE/MS. Foi apresentado o Termo de Confidencialidade Livre e Esclarecido - TCLE na primeira etapa, no questionário sociodemográfico, e a condição de continuar a participação apenas após a confirmação.

Os participantes foram devidamente avisados sobre os possíveis riscos, sendo eles desconforto, invasão de privacidade, acesso a memórias desagradáveis e constrangimento. Para minimização dos riscos o participante será encaminhado para acolhimento psicológico ofertada por parte da Unidade de Atendimento em Psicologia Professora Silvana Maria Grisi Sarno.

Como benefício da participação, é esperado que, a partir da entrevista, os participantes tenham a oportunidade de refletir sobre a vivência que experimentaram dentro do meio BDSM

e reconhecer as influências que a comunidade tem em seu cotidiano, de forma que possam expressar a respeito de suas práticas sem sentirem-se julgadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a realização da coleta de dados, as análises foram realizadas tendo em consideração as temáticas divididas por categorias, sendo elas: (a) autoentendimento (percepção talvez); (b) poder para si mesmo; (c) identificação e pertencimento. A escolha dessas categorias se originou por meio da definição das perguntas para obtenção de respostas que atendessem aos objetivos e, dado a percepção de cada participante a respeito de si mesmo, assim como a ordem que elas se compõem que se destaca em como cada uma conversa com a outra.

A seguir será apresentado as categorias e suas respectivas considerações:

4.1 AUTOENTENDIMENTO

O sujeito é subjetivo quanto ao seu desejo e precisa ser percebido e entendido antes de decidir o que fazer com esse sentimento. Para a comunidade, entende-se que o interesse no BDSM parte de algum lugar, entretanto, quando levamos em conta o que seria socialmente padronizado e esperado que seja o normal para todos, há mais dificuldade em acessar a descoberta desse interesse incipiente, e no momento em que ele é descoberto, parte do indivíduo permitir-se se irá vivenciá-lo. Miller (1940) traz essa auto descoberta como uma inquietude do desejo em ser reprimido, e indica que quando ele é percebido há um entendimento de si, uma euforia para vivenciá-lo, mas também parte de uma satisfação poder descrever esse desejo. Srta. Moon aborda isso ao falar sobre sua experiência no seu próprio entendimento:

“Eu já vivia dentro daquilo, eu só não sabia que tinha um nome. Eu acho que isso acontece com 90% das pessoas que praticam. A gente sabe que tem, a gente gosta de uma coisa diferente, a gente acha que somos estranhos diante de outras pessoas, e até somos, mas isso aí não importa. Cada um sabe de si. Quando eu comecei a estudar sobre, foi num antigo relacionamento meu, que a pessoa me apresentou ao mundo, e eu, muito curiosa, fui estudar muito, assim, de maneira obcecada. Então, eu fui pesquisar, eu fui entender, aí eu comecei a ligar os pontos, tipo, meu Deus, isso aqui, que eu gosto, tem esse nome? Então, o conjunto de tudo isso aqui, que eu gosto, se chama BDSM?”

Essa autodescoberta também pode levar a uma agitação no entendimento do próprio desejo, argumento reforçado pelas participantes, que relataram a percepção de que algumas práticas eram atrativas à princípio, todavia, ao realizá-las, elas perceberam que não se identificavam com estas. Ainda, as entrevistadas entenderam que há processos que exigem uma compreensão melhor de si mesmo para entender em que posição se colocam.

Srta. Moon aborda sobre sua descoberta a respeito da própria dinâmica dentro da comunidade:

“Uma amiga minha olhou pra mim e falou assim, qual é a tua posição? Ai eu falei assim: eu sou bottom. Ela: não, você não é, você não é bottom. E eu com minha coleira enorme de ferro, com corrente no pescoço. E ela: não, você tá errada. Porque eu não queria dar braço a torcer, que eu tinha um lado dominante. Até que, um amigo dela, que estava lá, meu sapato desamarrou. Aí, ele ajoelhou pra amarrar o meu sapato. Aí, eu fiz: Eita! eu acho que ela tá certa. E, cada dia é uma descoberta diferente, então, é bem interessante.”

Enquanto Mia Feyre relata sobre sua percepção sobre suas práticas:

“Eu super achava que eu era super masoquista e eu descobri que não, eu indo descobrir, por exemplo, o que eu falo, né, eu sempre, a primeira coisa que eu falava quando eu conhecia, conversava uma relação ou pra uma negociação de play ou de qualquer evento, é, olha, eu não lido bem com dor, mas eu lido bem com dor pra caramba, a ponto de descobrir que numa brincadeira de impacto, se eu não tiver uma comunicação muito legal com o top, eu vou ficar marcada, eu vou ficar roxa, porque eu suporto muito mais dor do que eu mesma achava que eu suportava, mesmo não sendo masoquista”

A sexualidade se manifesta além do interesse e atração, ela é uma expressão de si mesmo, um modo de se comunicar através do próprio corpo. Foucault (1984) aborda que a sexualidade é natural e não deve ser encarada como tabu, independente dos manejos sociais; mesmo que sejam vistos como atípicos, depois do acordo social implícito, é entendível que não existem variações no desejo do outro, e sim a contenção. A compreensão de desejar algo fora do comum pode desencadear sentimentos conflitantes, ora no receio da exclusão, ora no entusiasmo de descobrir não se trata de um desejo proveniente de uma experiência individual, entretanto ele não deixa de existir apenas por estipulações sociais, e a comunidade entende que existe esse fator, mas não deixa de vivenciá-lo, assim como trouxe Srta Moon em sua fala:

“Eu acho que, eu vejo muito das pessoas aqui, essa problemática de ai meu Deus, vamos botar os panos em cima de tudo aquilo que a gente sente, porque, meu Deus, isso é muito errado, eu vou me olhar estranho porque eu gosto de bater, porque eu gosto de apanhar, porra, quem que paga as minhas contas? Srta Moon de quatro anos atrás, jamais pensaria isso. Jamais falaria isso. Nunca. Nunca. Então foi uma virada de chave muito grande pra mim. Conhecer a comunidade, participar, e fazer parte disso tudo.”

O desejo reprimido, após a imersão do inconsciente, pode ter riscos ao indivíduo que o esconde de si mesmo, pois quando se tem ciência de sua existência e não é abordado com sutileza e aos poucos, ele lidera o indivíduo, o ser é dominado pelo desejo, vivendo em função dele.

4.2 PODER PARA SI MESMO

A comunidade BDSM constantemente precisa se reafirmar e desvincular-se da agressão e do abuso - temáticas vinculadas às interações do meio -, necessitando reforçar que as práticas são consentidas e qualquer situação que ultrapasse o acordado é totalmente repudiada. Compreender e respeitar limites é um dos fatores mais cruciais do BDSM, portanto, parte da base do estudo volta-se a compreender os próprios limites rígidos e respeitar o de outrem, enquanto se aprende não apenas a reconhecer-se, como ainda a verbalizar em virtude de alguma restrição (ZILLI, 2007). Esse aprendizado é gradual e se inicia com um sistema de cores, seguido pela escolha de uma palavra de segurança, além da utilização do *checking-in*, que consiste em conferir durante a cena se as partes ainda estão consentindo com a prática, uma vez que se compreende a possibilidade de alteração durante a sessão, ou ainda o ultrapassar de um limite, mesmo que tenham sido discutidos em um momento anterior àquele (TAORMINO, 2012).

Ambas as participantes reforçam a importância dessa disciplina da comunidade, concordando que, dessa forma, se preserva o respeito para todas as partes envolvidas, Srta. Moon inclusive traz um exemplo próprio acerca de suas estipulações de segurança, não deixando apenas a sua palavra de segurança, mas trazendo todas as informações importantes previamente:

“Eu tenho uma ficha de sete páginas com quatro palavras de segurança, três telefones para contato em caso de emergência, com meu nome completo, minha idade, minha orientação, com as minhas alergias, os remédios que eu tomo, o meu histórico médico, os alimentos que eu gosto, os alimentos que eu não gosto, o que me acalma, o que não me acalma, os meus gatilhos, os meus limites rígidos e flexíveis. Tudo. Tudo. A ficha leva tudo que você imaginar. Na D/s, a pessoa disse o seguinte: quero que você faça uma lista, tudo que você imaginar, até o que for mais bobo de gatilhos, o que pode lhe prejudicar, o que você... Tudo. Coloque tudo. Ele tem sete páginas e ainda editando. Porque todo dia a gente aprende uma coisa diferente, a gente entende uma coisa diferente. Mas eu... eu tento passar isso para quem chega até mim, novatos. Para eles terem essa noção, porque a gente não pode deixar... Tem muita gente que entra no BDSM e sai traumatizado por falta de orientação. Isso é muito perigoso.”

Já na experiência de Mia Feyre ela fala sobre seus acordos prévios e como eles são meios de segurança para que ela se sinta confortável ao participar:

“Pra mim, funciona primeiro numa conversa, inicial e informal, sobre quem é aquela pessoa, né? E aí, eu acabo percebendo que a gente primeiro entra num lugar muito básico, assim, de o que você gosta, do que eu gosto, e como é que funciona isso, até afinar, né? Mas precisa ser, primeiro, né, pra funcionar, precisa ser numa (...), numa horizontalidade. Então, eu já corto qualquer que seja a possibilidade, porque eu não me sinto segura. (...) de alguma forma tem que ter algum tipo de vinculação pra mim. Então, eu preciso sair desse primeiro escopo de, ah, você gosta disso? Eu também

gosto. Funciona, temos áreas de interesse, temos os limites pré-estabelecidos. Entender se aquela pessoa também tá um pouco alinhada. Não precisa ser muito, mas alinhada ao ponto de eu me sentir um pouco emocionalmente mais segura. E aí, pra mim, contratos verbais podem ser suficientes. Eu nunca precisei, eu tive só um contrato realmente mais, eu diria, formal, assim, de sentar e, teoricamente, não, assinar. Contrato verbal funciona, mas eu preciso sentir que aquela pessoa principalmente vai respeitar, respeitar limites, pra mim só funciona se eu percebo que essa pessoa entende,”

As duas participantes relataram que desenvolveram a habilidade de dizer “não” após a entrada na comunidade, tendo em consideração que essa fixidez veio a ser aprendida nos estudos de introdução, sendo levada a outros âmbitos e relacionamentos; desta forma, a imposição de seus limites ocasionou na sensação de maior segurança quanto a verbalização de desconforto em situações fora das práticas.

Ainda na experiência de Mia Feyre, ela relata como ter aprendido a dizer não dentro das práticas da comunidade, se estendeu a percepção de outras relações:

“Foi através do BDSM que eu me dei conta de uma série de relações abusivas que eu tinha à minha volta no mundo baunilha. Foi entendendo que eu podia dizer não e perceber, inclusive, o quanto que eu entrei, por exemplo, em 2014, extremamente permissiva. É isso, eu fiz uma cena de suspensão e tinha desconforto presente, eu não identifiquei, não nomeei, não consegui falar, não houve cuidado das outras partes de identificação disso e foi depois, em terapia, olhando pra essa cena, não, então, hoje, é isso, eu tenho claramente muito mais bordas, contornos e limites porque eu aprendi nas cenas a falar, não, para, né, dentro das safes, mas até comunicar mesmo, assim, o shibari é muito esse lugar de troca, né? Eu tô sentindo isso, é, preciso de um ajuste aqui, né? Porque, principalmente, dentro da minha, do meu recorte como mulher hetero cis, de 41 anos, eu não aprendi que eu podia virar e falar, olha, não tá gostoso? Para, né? Eu fingi orgasmos até conhecer meu ex-marido em 2009, assim, eu tive uma vida sexual extremamente ativa e parecia muito, né, para as pessoas, nossa, ela é super bem resolvida e eu não gozava, eu não conseguia me comunicar no sexo, né? (...). Então foi através da comunidade que eu fui me dando conta que eu podia, em outras relações, também trazer esse limite claro, sabe? E entender que se a pessoa não respeitava, isso já era abuso. Foi muito através da comunidade do BD e lendo textos onde eu comecei a falar.”

Assim como também influenciou Srta. Moon em sua vida cotidiana:

“Sim. Saber dizer não. Saber dizer não é a coisa mais incrível que existe. Ainda tenho um pouco de dificuldade, porque gosto de ajudar as pessoas e eu tento de tudo ajudar todo mundo. E não pode. Mas em comparação, há um ano atrás, como estava a minha rotina, a minha vida, hoje em dia, eu digo que 50% eu já consigo dizer que não posso. Antes eu não conseguia nem falar direito. Quanto mais eu, não posso. Entendeu?”

O modelo de vida estabelecido pela comunidade altera inclusive a visão de si mesmo. Se para o social existe um padrão de beleza implementado baseado no inalcançável, abarcando também o que é sensual, no que seria belo dentro da obtenção dessa satisfação, além da vestimenta também influenciar no que é dito apropriado para ser atraente, no BDSM há um padrão de vestimenta dependente da dinâmica selecionada, mas há um entendimento que como o prazer é subjetivo, independente de padrões corporais; ocorre uma desconstrução e reformulação do conceito daquilo que é belo, ponto reforçado por ambas as participantes, que discorreram a respeito de suas relações com a autoestima sofrendo modificações positivas após

a entrada na comunidade, Mia Feyre aborda também a ausência de um padrão corporal ampliou essa perspectiva de autoestima:

“Foi uma, o fato de eu ter integrado que a minha sexualidade era saudável, era, né, a minha expressividade com o que eu gosto, inclusive, de uma estética que é uma estética mais sensual, mais sexual, me ajudou muito a me empoderar do meu corpo, ver corpos diversos, porque na normatividade o que a gente vê são corpos esteticamente desenhados e muito padrão, então assim, ter contato e ver, assim, ver todos os corpos gozando, pessoas gordas, magrelas, altas, pessoas com deficiência e ver que todas elas estavam ali em profundo êxtase foi extremamente empoderador pra mim, né, foi muito, me ajudou muito a integrar o meu corpo com todas as dificuldades que são minhas e que fazem que eu seja quem eu sou, então sim.”

A autoestima é um sentimento poderoso, que dá liberdade para o indivíduo agir mais como si mesmo, vivenciar experiências sentindo-se mais confortável, dentro dos seus próprios termos, sem um comparativo de como se apresentar ou agir. As duas participantes concordaram que o BDSM trouxe novas percepções sobre como elas se viam e como agem atualmente, principalmente entendendo e respeitando o valor de si mesmas.

4.3 IDENTIFICAÇÃO E PERTENCIMENTO

De acordo com Tavares (2014), a participação social vai além do vínculo biológico e das circunstâncias do desenvolvimento humano. A psicologia social declara que o indivíduo como ser sociável necessita de um convívio básico onde se sinta incluído e valorizado, de modo que, quando suas subjetividades não são incluídas em um meio, se desenvolve uma incapacidade de se sentir pertencente a essa comunidade, divergindo daquilo que é almejado pela sociedade. A busca por um padrão não é apenas estético e abrange muitos conceitos da vida, incluindo o sexual. A exclusão do sujeito por conta de suas escolhas de estilo de vida sexual não é estruturada pelo desentendimento a respeito da prática, mas sim por um valor moral adaptado aos conceitos sexuais, Foucault (1984) aborda isso quando considera que a sociedade é regulada em prol de um manejo social.

Ambas as participantes tiveram experiências semelhantes a respeito de sentirem-se parte do meio, sem esse fardo social do excentrismo. Srta. Moon fala um pouco sobre conhecer pessoas já dentro da comunidade:

“Quando eu comecei a ter contato com pessoas de dentro do meio de fato aqui, foi um rolê muito louco. Porque eu via essas pessoas, eu como novata, eu via essas pessoas acima de tudo em qualquer coisa. Tanto é que tem uma galera que são bem antigas, eu brinco dizendo que quando eles entraram no BDSM em Recife, era uma pangeia. Era tudo mato, capivara e dinossauro. Mas eu tenho um enorme respeito por eles.(...) Eu cheguei até eles no nível, não no nível de conhecimento, mas eu consegui

falar com eles. E ter a aprovação deles. A aprovação da supremacia da nata do BDSM,”

Enquanto Mia Feyre traz a perspectiva de normalidade dentro das interações dos praticantes BDSM:

“As pessoas do BDSM são como eu, trabalham e vivem os kinks e voltam, né, então, o quanto que conhecer essas pessoas me trouxe, só houve uma sensação só isso, de integração, de que tudo bem e que é só uma coisa diferente, gente, o bote é amarrado, não sei, é só uma característica, como o cabelo das meninas, a gente tem alturas diversas (...) foi essa normalização que eu conheci as pessoas, porque elas eram pessoas normais, então, eles me explicam um monte de coisa, eu falei assim, ah, bom, sabe, porque é isso, assim, a gente, na fantasia vai imaginar que a gente vai encontrar pessoas muito esquisitas e a ideia ainda do couro, do látex, e como se essas pessoas vivessem em hierarquia. Não. Não, por óbvio.”

Entretanto o desejo é independente dos conceitos sociais implantados ao longo das construções de civilizações, mas depende dos conceitos morais para que ele seja realizado, a atração sexual é constituída por quem é o indivíduo, ela se difere muito da libido e do desejo sexual, este que por sua vez independe de outras pessoas, é a manifestação da libido, enquanto a atração ela é direcionada a uma ou mais pessoas, partindo dessa perspectiva, existe uma ligação esse desejo e dessa atração sexual, entendendo que mesmo a partir da vivência do desejo em forma do ideal sexual, a atração delimita onde é entregue esse êxtase. E pelo ideal que é introduzido desde as aparições de possíveis comportamentos sexuais, o que escapa dessa norma, é fracionado como atípico, as participantes têm vivências diferentes em referência aos comportamentos de outros sobre suas práticas, entretanto ambas afirmam que suas preferências são tão normais e comuns como qualquer outra, mas ainda há um tratamento diferente quando se trata de não praticantes.

Srta. Moon relata sobre as falas de pessoas próximas, mesmo que ela expresse que lide bem, ainda existem essa visão mais limitada a respeito das práticas:

Meus chefes, sabem? Ficam tirando onda comigo, me chamando de chicotada, chicotinho. Não arrumam. E porque, na verdade, essa galera toda é uma galera curiosa. Eles querem saber o que acontece, mas eles não têm coragem de ir para ver como funciona. Porque acham que é bagunça ou qualquer outra coisa do tipo. E não é, na verdade, somos bem organizados, e éticos. Sim. Temos duas páginas de regras da casa com coisas que, tipo, nem celular você pode usar. Sim. Então, a ética dentro da comunidade existe, é uma coisa primordial. Parece que no contexto do BDSM, não tem nada a ver com o contexto sexual. É como se a gente fosse circo. Que eles pagassem a entrada para poder, tipo, se divertir de uma forma diferente da gente.

Enquanto Mia Feyre aborda as falas que são direcionadas a ela, de forma que seus interesses são minimizados:

“Não precisa ter que me botar de esquisito, ninguém está te convidando. Então, as pessoas... Quando eu estava falando sobre isso numa mesa, os meus... Primos, eles vão pra dois lugares. O primeiro é um lugar de choque e depois é quase como se rolasse uma... desqualificaçãozinha. Ai, a Mia...(...) e essas coisas estranhas dela, sabe? A Mia e esses negócios (...) cheguei na casa do meu pai e ele, ai, uma eterna

adolescente com 40 anos, tu não vai parar não? Aí eu, não. Então rola uma, sabe, do tipo, a Mia é essa pessoa meio esquisita, que faz essas coisas meio diferentes, como se eu estivesse falando pra chocar, eu falo, gente, eu não tô falando pra chocar não, tô falando que existe, inclusive, assim, né? Inclusive, aí eu falo assim, Inclusive. Gosto de muita coisa.”

Partindo do pressuposto de que praticantes da comunidade BDSM não tem necessariamente um padrão visual e os chamados *baunilhas* não conseguem identificá-los, apenas baseiam-se no que conhecem do básico da comunidade, é necessário que alguém do meio se identifique, mas isso reforça que muitas pessoas da comunidade tem vivências comuns fora do BDSM e não diferem do dito normativo, a não ser que queiram, entretanto como foi percebido pelo resultado das entrevistas, houve influência no cotidiano a um ponto que crenças da comunidade como o não julgamento de fetiches alheios, a imposição e respeito de limites, consentimento e segurança acima das práticas, que as trespassaram de modo que isso foi em implantado em suas experiências no cotidiano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito do BDSM, percebe-se que é um nicho estruturado por uma comunidade organizada de acordo com as identificações e preferências dentro de dinâmicas de poder, se estendendo a um estilo de vida, sendo crucial para sua imersão a passagem por estudos, direcionamentos e treinamentos, até que se possam exercer as práticas e se adequar aos papéis. É inquestionável a necessidade de medidas de segurança praticadas e reforçadas por ambas as partes envolvidas na maior parte dos *plays*.

Não obstante, entende-se que há um contraste cultural ao se comparar a organização da comunidade, clubes, workshops e treinamentos no Brasil com a que se encontra em países Norte Americanos e Europeus. Há um desenvolvimento mais amplo e com mais conteúdo nesses países, com a abertura de espaços destinados apenas às interações de participantes da comunidade. No Brasil existe uma carência, inclusive de conteúdo, destinado a estudo para os praticantes, algo que se replica no ramo acadêmico, quando posto o estudo sobre o BDSM em comparação a outras culturas. Regionalmente, também se nota uma discrepância no Brasil, tendo em consideração que lugares como o Centro-Oeste oferecem mais eventos e lugares destinados aos participantes do que o Nordeste.

Com essa perspectiva em mente, é compreensível a dificuldade de ter acesso a esse público, fato salientado pela complexidade em alcançar os participantes desta atual pesquisa. Dentro dos critérios de inclusão não foi estipulado gênero, entretanto, um dado interessante

apresentado nas participantes foi a similaridade entre vários de seus aspectos. As três que participaram da primeira fase da pesquisa foram mulheres cisgênero, duas delas que performam como *switch* e apenas uma como *bottom*. É válido informar que uma delas não deu retornos quanto a segunda parte da pesquisa, que consistia na entrevista, assim sendo inabilitada de permanecer como participante. Apesar disso, as participantes que seguiram a entrevista relataram que o gênero é sim um fator que influencia na prática de sua maneira, como no exemplo da *switch*, que relatou já ter sido considerada incapaz de exercer um papel de dominação por outros dominadores, julgamento esse unicamente direcionado ao fato dela ser mulher. Entretanto, a participante afirmou não se deixar abalar por isso, principalmente levando em consideração que ela é a única especialista em *wax play*³ em sua região. Já no caso da *bottom*, ela abordou sentir que há dominadores que a enxergam com potencial subserviência, apenas por ser mulher. Compreendendo sua posição como mulher heterossexual, a participante informou que esse discurso sexista acaba por afetar na busca de parceiros para práticas.

O fator cultural acaba não só afetando em uma questão de conteúdo, mas também em como esses participantes irão interagir entre si, como as práticas são vistas beiradas ao absurdo. As fontes de estudo também são fatores importantes para esse comportamento, pois uma vez que se concentram a maior parte dos assuntos e tópicos de estudo em outra língua, são limitadas as fontes de procura, corroborando com a dificuldade ao acesso daqueles interessados em se educarem o bastante para exercer seus papéis na comunidade. Essa escassez de materiais prejudica também a compreensão de questões de segurança, como primeiros socorros, não tão procurados quanto em outros países.

Dessa forma, entende-se que esta pesquisa traz uma perspectiva sobre mulheres dentro da comunidade, somando um grande benefício, não exclusivamente para o meio acadêmico, mas para a comunidade BDSM em si. Para pesquisas futuras, percebe-se que há uma necessidade de mais dados e mais fontes de estudos nacionais a respeito de temáticas focadas nos praticantes e suas vivências subjetivas, dentro da comunidade ou fora dela.

³ *play* envolvendo cera de vela quente em partes específicas do corpo, é utilizado uma cera específica que tem um ponto de fusão menor do que a de parafina.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Sara, **BDSM: No Limiar do Consentimento Sexual** **BDSM: NO LIMIAR DO CONSENTIMENTO SEXUAL**, [s.l.: s.n.], 2017.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 1977. Acesso em: 25 março de 2024.
- BENJAMIN, Walter, **O contador de histórias**, [s.l.]: Editora Hedra , 2020.
- BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2016. Acesso em: 13/04/2024.
- CAROLINA ; RAFAEL DIOGO PEREIRA, Conflitos e tensões entre BDSM e feminismo: algo mudou?, **Ufmg.br**, 2015.
- COSTA, Eduardo, Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo, **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 12, n. 2, p. 379–386, 2009.
- CRAMER, Elizabeth, **Dom's Guide To Submissive Training**, [s.l.]: Living Plus Healthy Publishing, 2013.
- EASTON, Dossie ; HARDY, Janet W, **The New Bottoming Book**, [s.l.]: SCB Distributors, 2001.
- EASTON, Dossie ; HARDY, Janet W, **The New Topping Book**, [s.l.]: SCB Distributors, 2001.
- FACCHINI, R. **Praticamos SM, repudiamos agressão: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro**. Sexualidad, Salud y Sociedad, Revista Latinoamericana, n. 14. ago., 2013, p. 195-228.
- FOUCAULT, Michel, História da sexualidade II : o uso dos prazeres, Rio De Janeiro (Rj): Graal, 2009.
- FREITAS, F. R. A. de. **BDSM on-line: sexualidades quando a internet é o campo**. Trabalho de conclusão de curso apresentado para o programa de Ciências Sociais – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. [Monografia]
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 18. Imago Editora, 2006.

- GUILHARDI, Hélio José. Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. **Comportamento humano: tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor**, p. 63-98, 2002
- HEILBORN, Maria Luiza. Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade. **Cadernos Cepia**, v. 5, p. 73-92, 2002.
- JACINTO, Marcelle ; CRÍSTIAN, Antonio, Pensando corpo, gênero e sexualidade em contexto sado-fetichista, **Ponto Urbe**, n. 15, 2014., KENNEDY, Roger, **Libido**, [s.l.]: Icon Books, 2001.
- KAFKA, M. P. **Hypersexual disorder: A proposed diagnosis for DSM-V**. **Archives of Sexual Behavior**, [S.I.], v. 39, n. 2, 2010.
- KENNEDY, Roger. **Libido**. [s.l.]: Icon Books, 2001.
- MILLER, Henry, O mundo do sexo, [s.l.]: José Olympio, 2019.
- MORGAN, Sophie, **The diary of a submissive**, London: Penguin, 2012.
- MOTA, Ana ; OLIVEIRA, Alexandra, **ÁREA TEMÁTICA:SEXUALIDADE E GÊNERO PARA ALÉM DA DOR: FANTASIAS DE PRAZER, PODER E ENTREGA. Um estudo sobre Sadomasoquismo**, [s.l.: s.n., s.d.].
- MOTA, Ana ; OLIVEIRA, Alexandra, **REPENSAR O BDSM PARA ALÉM DA DOR: SADOWASOQUISMO E DIREITOS SEXUAIS**, [s.l.: s.n., s.d.].
- MOTA, Geraldo Santos, Assexualidade: orientação ou disfunção sexual?, **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 4, p. 2709–2728, 2019.
- RASPUTIN - DOMINADOR INICIANTE, Glossário - Parte 1 - A-F, **Dilemas de um Dominador Iniciante**. Blogspot.com, disponível em: <<http://dilemasdeumdominiciante.blogspot.com/2014/05/glossario-parte-1-f.html>>. acesso em: 17 de junho de 2023.
- RASPUTIN - DOMINADOR INICIANTE, Glossário - Parte 1 - G-Z, **Dilemas de um Dominador Iniciante**. Blogspot.com, disponível em: <<http://dilemasdeumdominiciante.blogspot.com/2014/05/glossario-parte-1-f.html>>. acesso em: 17 de junho de 2023.
- RÍOS, Victoria; AMUNDARAY, Alejandrina ; ARENAS, Ysmary, Vivencias de las prácticas sexuales asociadas al BDSM: los límites contemplados dentro de lo Sano, Seguro y Consensuado, **Ciência & Saúde Coletiva (Impresso)**, v. 24, n. 5, p. 1679–1688, 2019.,
- ROSANA CARNEIRO TAVARES, O sentimento de pertencimento social como um direito básico e universal, **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, v. 15, n. 106, p. 179–179, 2014.

- ROSANA MARIA MENDES ; GIARETTA, Rosana, A análise de conteúdo como uma metodologia, **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 165, p. 1044–1066, 2017.
- SECCHI, Kenny; BRIGIDO VIZEU CAMARGO ; RAQUEL BOHN BERTOLDO, Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo, **Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 229–236, 2009.
- SILVA, Catarina Marujo. *Fluidez Sexual em Praticantes de BDSM e o Modelo de Sexualidade Heteronormativo*. 2022.
- SIMIÃO, A. R. M.; SIMANKE, R. T.. Extrato de estudo em História da Psiquiatria: o fetichismo na *Psychopathia Sexualis* de Richard von Krafft-Ebing. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 24, n. 1, p. 164–187, jan. 2021.
- SOARES, Maria Luisa Couto. *Expressões do corpo*. **fundação Engenheiro António de Almeida**, 2006.
- SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. **Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer**. *Pesquisa e Debate em Educação*, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. ISSN 2237-9444. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>. Acesso em: 16 março de 2024.
- TAORMINO, Tristan, **The ultimate guide to kink : BDSM, role play and the erotic edge**, Berkeley, Calif.: Cleis Press, 2012.
- YASUHARA, Isabela O. ; BORGES, Thais S., **DOR, HUMILHAÇÃO E CONTROLE: EXPLORANDO A COMPLEXIDADE DO MASOQUISMO E DO SADISMO COMO EXPRESSÕES SEXUAIS**, [s.l.: s.n., s.d.].
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2015. Acesso em: 18 maio de 2024
- ZILLI, Bruno Dallacort, *A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a psiquiatria*, **Uerj.br**, 2024.

Apêndice C - Formulário de Dados Sociodemográficos

SECÇÃO 1: Formulário de dados Sociodemográficos

1. Código de identificação da participante (pseudônimo):

2. Nacionalidade:
3. Naturalidade (Cidade e Estado):
4. E-mail:
5. Idade:
6. Orientação sexual
7. Situação conjugal (Casada, União estável, viúva, divorciada/separada, solteira)
8. Raça e cor (Amarela, branca, indígena, parda, preta)
9. Formação acadêmica:
 - Ensino fundamental completo
 - Ensino Médio completo
 - Ensino Superior incompleto
 - Ensino superior completo
 - Especialização
 - Mestrado
 - Doutorado
 - Pós doutorado
 - Outros:
10. Ocupação:
11. Situação atual de emprego
 - Trabalha de meio turno
 - Trabalha em tempo integral
 - Autônomo
 - Aposentada
 - Desempregada
 - Estudante
12. Renda financeira pessoal:
13. Beneficiário(a) de programas sociais:

Apêndice D - Roteiro de entrevista Semiestruturada

1. Você pode contar como foi o processo de conhecimento da comunidade?
2. O que mais te chamou a atenção nas práticas
3. Como você acha que a comunidade te auxiliou no processo de autoconhecimento?
4. Como você definiria a importância das realizações dos fetiches/kinks
5. Poderia me contar como funcionam os procedimentos de segurança (contratos, acordos, acordos fixos e não fixos)
6. Para você a comunidade teve participação no estabelecimento de limites nas suas interações fora do meio?
7. Você percebeu alguma mudança na sua autopercepção/autoestima depois de entrar na comunidade
8. Sobre os estudos/treinamentos você poderia como foi realizado até você se sentir segura tanto para relações fixas como para casuais?
9. Como foi a experiência de conhecer mais pessoas do meio?

10. Quais mudanças mais significativas você percebeu nas relações interpessoais após a ingresso
11. Fora do âmbito da comunidade você percebe uma mudança de tratamento em comparativo a quem é do mesmo meio?
12. Como é pra você a importância do space (subspace, top space) na prática BDSM?
13. levando em consideração a sua identificação nas dinâmicas de papéis como você definiria o aftercare?
14. Como as práticas lhe proporcionam momentos de êxtase, como por exemplo uma catarse?
15. Para você qual a importância dos limites rígidos?
16. Ainda levando em consideração sua identificação na comunidade, como você descreveria o efeito que seu gênero tem nas dinâmicas?
17. Você poderia descrever algumas das motivações que te fizeram decidir permanecer na comunidade?

Apêndice E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu, Jennifer Benjamin Lima Almeida Silva, graduanda do curso de Psicologia da Universidade Católica do Salvador - UCSal e supervisionada pelo Prof. Dr. Euride Simões Soares Hide, convido você a participar como voluntário/a/e da pesquisa: “Um olhar feminino na perspectiva BDSM: o percurso do normativo até o couro”. Este estudo tem como objetivo analisar as vivências individuais relacionadas às motivações para a introdução às práticas BDSM.

Caso aceite participar, agendaremos uma entrevista, que poderá ocorrer de maneira presencial ou online, de acordo com a disponibilidade dos participantes. A entrevista online será uma videoconferência via Google Meet, tendo duração de aproximadamente, 1 hora à 2 hora e 30 minutos, onde o pesquisador realizará algumas perguntas e registrará as respostas, essa videoconferência será gravada.

A primeira etapa será composta pelo levantamento dos dados sociodemográficos, a segunda etapa da entrevista será composta por uma entrevista semiestruturada sobre a sua

experiência na comunidade BDSM. Com o intuito de manter a privacidade, nosso encontro, mesmo que por videoconferência, será em um espaço reservado, com apenas o pesquisador e você, que seja silencioso e de acesso controlado essas ações garantem o sigilo da pesquisa e melhor aproveitamento do nosso encontro, será gravada no intuito de transcrição para pesquisa.

A entrevista presencial será gravada, também acontecerá em um espaço reservado, silencioso e de acesso controlado, pelas mesmas motivações a fim de não ter interrupções; Os participantes têm garantido seu direito de acesso aos resultados da pesquisa, que poderão ser solicitados através das formas de contato indicadas ao final deste documento. Garantimos também a manutenção de seu anonimato, assim como do sigilo e da privacidade de seus dados, em todas as etapas da pesquisa.

Antes de iniciar o preenchimento, é necessária a leitura atenta e aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, dessa forma, basta clicar em **“Sim, autorizo a minha participação voluntária e a recolha das minhas respostas, ao uso da minha voz e imagem”**.

Os dados derivados da entrevista e do questionário serão **acessados apenas pelos pesquisadores e serão guardados em pendrive**, durante um período de cinco anos, na residência do pesquisador responsável. **Depois desse período, os dados serão devidamente destruídos.**

A sua participação é livre e voluntária e você pode se recusar a participar ou até mesmo desistir a qualquer momento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Além disso, é garantido a você o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa. Caso queira, você tem o direito de acessar o conteúdo do roteiro de entrevista e do questionário, antes de responder às perguntas, para uma melhor tomada de decisão.

Você não terá nenhum gasto e não receberá remuneração, mas se tiver alguma despesa ou dano, decorrente da participação na pesquisa, terá garantido o ressarcimento, terá ainda o direito à indenização nos termos do item Lei conforme indicado nas Resoluções CNS 466/12 e 510/16.

No entanto, um dos **riscos possivelmente oferecidos pela prática aos participantes** seria a exposição de dados pessoais identificadores, que são informações relacionadas à pessoa natural identificada ou identificável (como número de telefone para contato). Outro risco bastante pertinente seria ter proximidade com questões sensíveis, resultando ter contato com sentimentos de vergonha, desconforto e uma possibilidade de constrangimento.

Como estratégia para minimizar os riscos serão utilizados antivírus nos computadores que serão utilizados para armazenamento e manipulação das informações,

também será utilizado antivírus durante as entrevistas virtuais, os participantes precisarão assinar a duas vias deste TCLE, na qual, uma será mantida com o participante, **os participantes são orientados a utilizar antivírus nos computadores que utilizarão para responder o questionário sociodemográfico e durante a entrevista.** Além disso, orienta-se que, durante toda a duração da entrevista online, os participantes utilizem fones de ouvido e estejam em um cômodo de acesso restrito.

Os possíveis riscos serão minimizados pelo TCLE exposto até o momento. Caso você se sinta desconfortável, podemos interromper a entrevista. Haverá oferecimento de amparo psicológico por parte de um profissional da **Unidade de Atendimento em Psicologia Silvana Sarno (UNIAPSI)**, sem nenhum ônus ao participante em questão, em consonância aos aspectos éticos preconizados pela **Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS)**.

Para tanto, este projeto oferece benefícios para a investigação científica do que diz respeito de levantar as concepções relacionadas a prazer e dor em praticantes. Os participantes também terão a oportunidade de dialogar, de maneira saudável, sobre um assunto que influencia suas ações cotidianas.

Ao participar, você está promovendo um impacto positivo tanto na sociedade quanto no campo acadêmico, fomentando pesquisas adicionais sobre conjugalidade e relações fora da perspectiva normativa.

Para maiores informações sobre os pesquisadores ou seu orientador, ou em caso de dúvidas ou denúncias, você poderá entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)** da Universidade Católica do Salvador - UCSal, que autorizou a realização desta pesquisa. O CEP fica localizado no Campus de Pituáçu, **Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 - Pituáçu, CEP: 41.740-090 - Salvador/BA**. Funciona de segunda a sexta-feira das 08:00 às 16:00. **Tel.: +55 (71) 3206-7830. E-mail: cep@ucsal.br. E-mail da orientadora: eurides.hide@pro.ucsal.br. E-mail do pesquisador: jenniferlima.silva@ucsal.edu.br**

Apêndice F - Termo de Confidencialidade

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: “Um olhar feminino na perspectiva BDSM: o percurso do normativo até o couro”

Pesquisador responsável: Eurides Simões Soares Hide

Demais pesquisadores: Jennifer Benjamin Lima Almeida Silva

Instituição/Departamento: Universidade Católica do Salvador (UCSal);



Curso de Psicologia

Local da coleta de dados: online

Os pesquisadores do projeto intitulado “Um olhar feminino na perspectiva BDSM: o percurso do normativo até o couro ”, se comprometem a garantir a privacidade das participantes da pesquisa - cujos dados serão coletados através de entrevistas gravadas e preenchimento de questionário, por meio de videoconferência realizada na própria instituição supracitada ou em local reservado que garanta o sigilo, concordam com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto e seus produtos (relatórios, artigos e capítulos de livro). Além disso, informam que a divulgação das informações só será realizada de forma anônima e sendo os dados coletados, bem como os termos de consentimento livre e esclarecido, mantidos na residência do pesquisador localizada na Rua das Orquideas, nº 9, Buri, CEP. 42804873, Camaçari-BA, e por outros motivos caso seja necessário será mantido pela orientadora responsável, no endereço Alameda Praia de Velha Boipeba Stella Maris, 146 casa 05, Salvador-BA, CEP. 41600105 por um período de 5 anos sob a responsabilidade de Jennifer Benjamin Lima Almeida Silva. Após este período, os dados serão destruídos, conforme

acordado entre pesquisador e participante da pesquisa no ato da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Salvador, _____ de 2023 .

Nome do membro da equipe executora	Assinatura
Eurides Simões Soares Hide	 Documento assinado digitalmente EURIDES SIMOES SOARES HIDE Data: 29/04/2024 15:05:12-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Jennifer Benjamin Lima Almeida Silva	 Documento assinado digitalmente JENNIFER LIMA ALMEIDA SILVA Data: 29/04/2024 14:29:00-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

Apêndice G - Termo de Atendimento



TERMO DE COMPROMISSO DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO

Eu, Ricardo Souza Cruz, brasileiro, casado, psicólogo, inscrito no CRP sob nº 03/19.414 e no CPF sob nº 702.701.715-68, comprometo-me a atender os pacientes da pesquisa intitulada “Um olhar feminino na perspectiva BDSM: o percurso do normativo até o couro” conduzida pelo pesquisador Jennifer Benjamin Lima Almeida Silva, caso exista algum desconforto psicológico diretamente causado pela sua participação na referida pesquisa. Em decorrência do isolamento social adotado como medida de prevenção a COVID-19, além da possível distância geográfica entre este profissional e os participantes da pesquisa, o atendimento poderá ser realizado em formato remoto, utilizando-se de uma vídeo-chamada ou dos aplicativos do Google meet ou Zoom a depender da preferência do entrevistado. O atendimento ocorrerá em data e horário a ser ajustado com o participante. Salienta-se que tal atendimento não implicará em ônus ao participante.

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'RSZ', is written over two horizontal lines.

Ricardo Souza Cruz
Psicólogo Docente (CRP. 03/19.414)

Salvador/Ba, 17 de março de 2024